

As colaborações de Rubem Braga na *Vida Capichaba*, nos anos 1930

Rubem Braga's Collaborations in *Vida Capichaba*, during the 1930s

Paulo Roberto Sodré*

Para Maria Neila Geaquinto

A *Vida Capichaba*, um dos periódicos mais duradouros do Espírito Santo, se tornou conhecida por sua proposta de atuar como revista de variedades mensal e, em seguida, quinzenal, com média de 30 páginas cada número, de que constam matérias jornalísticas, culturais, esportivas, políticas, de comportamento, de saúde, de moda, assim como seções literárias, sociais e humorísticas. Em outros termos, “[...] uma revista eclética”, que pretendeu atrair “a nata aristocrática da época” (FRANÇA et al., 2005, p. 282). Além disso,

É interessante notar que muitas fotos de paisagens do interior estampavam a revista. Isto pode ser explicado como uma tentativa de ultrapassar a ilha de Vitória, integrando o Estado e tornando a revista mais atraente para quem vivia fora da Capital.

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

Produzida e direcionada para a elite, a revista refletia um caráter conservador e provinciano, típico da sociedade capixaba da época, o que espelhava o modelo oligárquico-agrário-exportador (FRANÇA et al., 2005, p. 286).

Fundada em Vitória por Manoel Lopes Pimenta, de Aracruz, e Elpidio Pimentel, de Serra, em 1923, nota-se no editorial do primeiro número o objetivo dos dois jornalistas para o periódico:

E os ideaes da *Vida Capichaba* são os formosos ideaes de todos nós, os trabalhadores ingênuos e honesto pela grandeza do Espírito Santo.

Não se justifica a falta de uma revista nesta Capital: que já é uma linda e encantadora cidade de muitos milhares de habitantes.

Toda a cidade linda tem uma revista linda, que conta a sua história, que perpetua as suas emoções, que perfuma a sua galanteria, que exalta a sua elegância e que guarda, como num pequenino livro de horas, as ânsias subtis de sua vida sentimental... (VIDA, 1923).

Esse idealismo “ingênuo e honesto”, em um indisfarçável romantismo cristão (“como num pequenino livro de horas”), levou Pimenta e Pimentel a comporem um periódico diversificado em seu conteúdo, de todo modo, marcadamente republicano. Aspectos de sua história são observados por Maria Clara Medeiros Santos Neves (2015):

A revista funcionava na avenida Capixaba [avenida Jerônimo Monteiro], onde hoje está a loja Strauch, num edifício triangular. Na parte da frente ficavam três compartimentos, sendo que em dois deles era feita a composição dos textos pelos tipógrafos João da Cruz — que deu nome à rua na Praia do Canto — e Pedrolino Siqueira. No terceiro compartimento ficavam a direção e a redação da revista. Nos fundos havia uma impressora plana — Marinetti — operada por Luiz Gorassi. A revista vivia precariamente e a tipografia fazia impressos para diversas empresas locais. Pimenta sempre pedia a amigos que colaborassem com a revista “a leite de pato” — ou seja, de graça —, como ele mesmo dizia, e muitos concordavam dentre os quais Alvimar Silva, Almeida Cousin, Abílio de Carvalho, José Luiz Holzmeister, Eurípedes Queiroz do Valle, Guilherme Santos Neves, Eugênio Sette e Renato Pacheco.

Nos 31 anos de atividade, em periodicidade variável – frequentemente quinzenal, poucas vezes semanal e mensal – diversas seções compuseram a revista,

algumas mais frequentes¹, outras menos². Das mais assíduas, contam-se "Sociaes", noticiadora de fatos e fotos da sociedade capixaba, como casamentos, nascimentos, visitas etc., e "Alfinetadas", assinada pelo pseudônimo Alfinete, cujo nome evidencia a proposta irônica: "Ridendo castigat mores será nossa divisa" (VIDA, 1925, n. 42, [s. p.]).



Acima, capa, propaganda e seção de poesia; abaixo, página editorial, seção "Sociaes" e página de reportagem fotográfica do número 236 da *Vida Capichaba*, de 1930.

Com repercussão no Rio de Janeiro e Minas Gerais, e revelando e promovendo nomes importantes da vida literária espírito-santense – Maria Antonieta Tatagiba,

¹ São exemplos "Vultos capichabas"; "In memoriam"; "Sociaes"; "Feminea"; "Conto da *Vida Capichaba*"; "Cimelio Literário"; "Resenha esportiva"; "Crítica Literária" etc.

² Como "Maravalhas", seção sobre discussões gramaticais, e "Álbum de Édipo", em que se publicam charadas.

Almeida Cousin, Narciso Araújo ou Haydée Nicolussi publicaram seus textos em vários números –, a *Vida Capichaba* foi encerrada em 1954, época em que Manoel Lopes Pimenta, sem conseguir resolver as dificuldades de toda ordem, inclusive o que ele considerava o desapareço dos capixabas pelos produtos culturais locais, vendeu-a para Élcio Álvares, Alvino Gatti e César Bastos (FRANÇA et al., 2005, p. 291).

É na fase inicial dessa revista, que Rubem Braga começou a publicar seus textos, enviando-os de Cachoeiro, como se registra na rubrica “*Cachoeiro de Itapemirim, 3 – 7 – 930’*”, no número 236 de 1930, de Icarai (n. 242 de 1930) ou Belo Horizonte (n. 301 de 1931). No entanto, “oficialmente”, como se sabe, a primeira crônica, sem título, foi publicada em 1932, no *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte (WERNECK, 2018). Em livro, a estreia de Braga ocorreu em 1936, com *O conde e o passarinho*, pela editora José Olympio, com trabalhos datados de 1933 a 1935. Das várias edições das crônicas do autor, *Morro do isolamento*, o segundo livro, de 1944, traz uma recolha específica, a do período de 1934 a 1942, excetuando-se os poemas do final do volume. Observada a datação dos primeiros livros, percebe-se a ausência de textos publicados pelo autor cachoeirense-mineiro-carioca na *Vida Capichaba* nos anos de 1930 a 1933.

Vale observar que na “Cronologia” mais recente do cronista, publicada no site *Portal da crônica brasileira*, lançada em 2018, no que diz respeito ao período que aqui se recorta, nenhuma referência é feita às suas colaborações na *Vida Capichaba*, mas no *Correio do Sul* (Cachoeiro de Itapemirim), *Diário da Tarde* (Belo Horizonte), *Estado de Minas* (Belo Horizonte) e *Diário de São Paulo*.

Provavelmente, a ausência de textos editados na *Vida Capichaba* nas numerosas edições autorais e nas coletâneas se justificaria pelo fato de que se trata de publicações de juventude, ainda hesitantes, não necessariamente ajustáveis ao que o autor e, mais adiante, seus editores, passaram a considerar “crônica” bragueana: comentários poéticos, não raro narrativos, sobre a vida brasileira “ao

rés do chão” ou, em termos certos e mais abrangentes de Antonio Candido, um gênero, de que Braga foi mestre, sobre o qual importa lembrar que

[...] o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. [...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 2003).

No prefácio intitulado “Este livro”, de *Crônicas do Espírito Santo*, de 1984, Braga explica seu critério de escolha dos textos, o que esclarece a omissão de alguns títulos em seus livros:

Ao começar a fazer uma seleção senti que era preciso deixar de lado um grande número de crônicas. Durante muitos e muitos anos, escrevendo em jornais e revistas do Rio e de outros Estados, tratei de assuntos capixabas. Muitos foram os artigos polêmicos em que procurei defender interesses do Espírito Santo dentro da Federação [...]. Não renego esses escritos; pelo contrário, me orgulho deles. Mas a verdade é que não são bem crônicas; são, mais propriamente, artigos – matéria que envelheceu rapidamente e hoje seria enfadonho reler (BRAGA, 2013, p. 9-10).

Em vista disso, esta seleta procura apresentar, sem pretender ser exaustiva, diversos textos assinados por Braga numa revista muito apreciada pelos capixabas do início do século XX, que julgamos poder estar no interesse ou na curiosidade dos frequentadores de seus volumes.

Dado o interesse mais histórico do que literário de tais textos, optamos por selecionar e editar em fac-símile esta crestomatia curiosa, informando os leitores não apenas do texto em si, mas da formatação da página, dos caracteres, dos grafismos, das fotografias etc. que os compõem.

Antes de referir os anos e os textos selecionados, importa registrar, a título de curiosidade, uma lista intitulada “Beriladas sobre os colaboradores da Vida Capichaba” (VIDA, 1931, n. 306), assinada pelo pseudônimo Mr. War, que

infelizmente Guilherme Santos Neves não identifica em seu artigo “Pseudônimos e pseudônimos em ‘Vida Capichaba’” (NEVES, 2020)³. No rol de 14 personalidades⁴ elogiosa-humorística-sardonicamente exposto, Rubem Braga recebe um verbete de franqueza inesperada: “Colaborador esforçado, cujas produções têm melhorado sensivelmente”. O irmão, Newton Braga, por sua vez, também é descrito de maneira surpreendente: “Rapaz de merecido valor, que tira a má impressão deixada por muita gente”.

Passemos ao breve comentário sobre os textos.

De 1930, trazemos quatro textos: “Busca-pés” (n. 222), em que Rubem Braga justapõe uma série de aforismos próprios ironicamente pensados, como “Não ha livros bem e mal escriptos – ha livros bem e mal lidos”. Uma reflexão sobre as motivações da ficção poética é exposta em “Mentirosos e poetas... À luz da psychanalyse” (n. 236), em que o autor polemiza com o poeta Almeida Cousin, que rejeita, em texto publicado na *Vida Capichaba* de 30 de junho⁵, a afirmativa de que crianças que mentem podem ter vocação poética. “O filho do homem” (n. 242), escrito ou enviado desde Icarai, em agosto, revela Braga como resenhista da biografia de Jesus Cristo pelo judeu Emil Ludwig. Por sua vez, “Um telegramma” (n. 254) revela o repórter, a dar notícias sobre a enfermidade terminal de Sigmund Freud, e o pensador irônico acerca da condição humana, em especial, a dos gênios, vítimas da “Vingança divina, com certeza”.

No ano de 1931, um dos mais prolíficos, Braga publicou “Idéas perigosas” (n. 257), que expõe uma resenha sobre o livro *Liberdad de amar y derecho de morir*, de Jimenez de Asúa, escrito em 1928, seguida de reflexões nada convencionais

³ Contudo, no número 303 de 1931, a coluna “Beriladas em ordem... alfabetica” é assinada por J. Laurentino.

⁴ Nomes e pseudônimos compõem a lista: Almeida Cousin, Alvimar Silva, Beresford Moreira, Clovis Ramalhete, Edwaldo Calmon, J. Laurentino, Mle. Século XX, Newton Braga, Olho Grande, Guilly Furtado Bandeira, Rubem Braga, Teixeira Leite, Lidia Besouchet, Haydée Nicolussi.

⁵ Trata-se do artigo “Poetas e mentirosos”, publicado na *Vida Capichaba*, número 233, de 30 de junho de 1930.

sobre casamentos. No número 267, ele assina “A teu respeito”, um texto curto sobre idealização amorosa; vista rapidamente, a diagramação poderia levar o leitor a pensar em poema de versos livres. Em “Deve ter muita saude” (n. 273), as ponderações do autor lembram sua ironia na percepção do Brasil e dos brasileiros que pensam de si “Uma serie de tolices”. “Impressões de Bello Horizonte” estampa a página editorial do número 277, o que indica seu prestígio juntos aos editores, em que Braga comenta a paisagem urbana mineira. Prenunciando suas futuras crônicas de viagens pelo Espírito Santo, Braga expõe saudosamente o significado de catambá, o baile dos maritimbas, em “Commentarios sobre o catambá” (n. 285)⁶. Novamente na página editorial, o autor faz um libelo contra “a orgia de convencionalismo” e as “gloríolas” na série de reflexões sobre “Hypocrisia” (n. 286). “Tédio, etc.” (n. 287) é dividido em três partes curtas (“Tédio”, “Uma verdade” e “A injúria”) em que o autor manifesta pensamentos e impressões sobre esses temas. Os próximos textos figuram também na página editorial, com diagramação ainda mais caprichada. No número 300, Braga publica “O ultimo pecado do defunto século 19”, em que se propõe “acabar com a praga da ironia”, herdada do Oitocentos e de autores como Eça de Queiroz. Escrito em Belo Horizonte, em outubro, como se registra ao pé da página, “Carta de agradecimento” (n. 301) apresenta já o que será a persona do cronista: “um rapaz como qualquer outro”, “burguez”, “desageitado” e sobretudo o homem da “saudade grande da minha terra”; esta, tema central do texto, é motivada pelo retrato de uma moça desconhecida, publicado aliás na “Vida Capichaba”. No número 303 publicam-se dois textos: “Vida”, uma reflexão melancólica a respeito do “jogo de inquietudes e sorrisos” da vida, e “Ensaio de paisagem”, um poema em prosa⁷ sobre o anoitecer no Rio de Janeiro. Em “Reflexões sobre a saudade” (n. 306), ele se dirige à “Fada bôa da cidade estúpida e incompreensível”, personificação de um dos sentimentos mais frequentes em seus textos, a saudade: “tua existencia é um pedaço de minha

⁶ Em *Crônicas do Espírito Santo*, de 1984, a despeito de algumas sem data, as mais antigas remontam a 1945, prevalecendo as dos anos de 1950 e 1960.

⁷ Gênero referido, por exemplo, no número 249, de 1930: “Dois poemas em prosa para miss Espirito Santo”, de Edwaldo Calmon.

existencia antiga que saiu pela grande cidade, e que ficou pairando sobre as ruas para me proteger contra a perfidia implacavel da vida”.

De 1932 tem-se “Mocidade” (n. 308), em que o autor aborda esse período da vida, de que “Sentimos o domínio incessante da sua energia e da sua loucura que nos arrasta para um destino desconhecido”. Em o “O mal de escrever” (n. 312), Braga trata de seu processo criativo e de seu débito com os poetas lidos por ele. A resenha “O livro de Almeida Cousin” (n. 319) comenta *Itamonte* [epopeia brasilista], recém-lançado, cujos versos têm “a serenidade dos grandes tumultos”. Observe-se que no número 330, imprime-se a famosa fotografia dos irmãos Rubem e Newton Braga, intitulada “O poeta e o jornalista”. Nessa altura, os editores da *Vida Capichaba* consideravam os textos de Braga apenas como matérias e artigos, a despeito das crônicas que, nesse ano, iniciantes, começavam a ganhar fôlego.



Capa da *Vida Capichaba*, número 330, de 1932, em que se publica a foto dos irmãos Braga, “Um poeta e um jornalista”.

De 1933, escolhemos dois textos, para não exceder o limite de páginas de uma seleta que se pretende preliminar. O “Reflexões sobre o anjo torto” (n 333) enuncia impressões sobre a pessoa e, em especial, discorre acerca da poesia de Carlos Drummond de Andrade, exemplificada com “Música”. Braga prefere transcrever os versos desse poema por considerá-los “sem importância, mas tão significativos do jeito delle escrever”, o que significa, esclarece ele, que sua

poesia “Pode ser [além de “ambrosia”, “absyntho, às vezes cachaça”] também água límpida dessas que escorrem cantando do cimo das montanhas eternas”. Em “Rua” (n. 343), o cronista se ocupa dos efeitos que a rua urbana, “em que cabe o jogo de todas as forças”, ocasiona no observador-poeta, oprimido pelo ritmo dos sinais, das máquinas, da multidão.

Isso exposto, o que se pode depreender desta pequena amostra das colaborações de Rubem Braga na *Vida Capichaba* é a variedade de gêneros textuais a que ele se dedicou nos anos iniciais de 1930: artigo de opinião, resenha de livros, crônica, poema em prosa e carta, cada qual com os traços que, mesmo incipientes, sugerem o estilo do “velho Braga”. À exceção de um e outro texto, e tendo em vista o hibridismo desconcertante de que se reveste às vezes a crônica (que oscila entre o poema em prosa e o conto), pode-se considerar que todos, ao fim e de alguma maneira, poderiam entrar no cômputo daquele gênero.

De 1930:

- “Busca-pés” (n. 222) – Crônica-máximas
- “Mentirosos e poetas... À luz da psychanalyse” (n. 236) – Artigo de opinião
- “O filho do homem” (n. 242) – Resenha-crônica
- “Um telegramma” (n. 254) – Crônica

De 1931:

- “Idéas perigosas” (n. 257) – Resenha-crônica
- “A teu respeito” (n. 267) – Poema em prosa
- “Deve ter muita saude” (n. 273) – Crônica
- “Impressões de Bello Horizonte” (n. 277) - Crônica
- “Commentarios sobre o catambá” (n. 285) – Crônica
- “Hypocrisia” (n. 286) – Crônica
- “Tédio, etc.” (n. 287) – Crônica
- “O ultimo pecado do defunto século 19” (n. 300) – Crônica
- “Carta de agradecimento” (n. 301) – Crônica
- “Vida” (n. 303) – Crônica
- “Ensaio de paisagem” (n. 303) – Poema em prosa
- “Reflexões sobre a saudade” (n. 306) – Crônica

De 1932:

- “Mocidade” (n. 308) – Crônica
- “O mal de escrever” (n. 312) – Crônica
- “O livro de Almeida Cousin” (n. 319) – Resenha-crônica

De 1933:

“Reflexões sobre o anjo torto” (n 333) – Crônica

“Rua” (n. 343) – Crônica

Não se pretende com esses textos alçá-los ao que o próprio Rubem Braga achou por bem considerar seu legado maior, a crônica. Importa oferecer aos estudiosos do “lavrador de Ipanema” aspectos diversos de sua obra multifacetada, para compreensão mais matizada desse autor inigualável, o “escriva andejo”, como o descreve Humberto Werneck (2018).

Referências:

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho. Morro do Isolamento*. Rio de Janeiro: Editôra do Autor, 1961.

BRAGA, Rubem. *Crônicas do Espírito Santo*. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: PARA GOSTAR de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, p. 89-99. Disponível em: <<https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

FRANÇA, Ceciana; ZANOTTI, Daniella; PONTES, Fernanda; GALLETO, Patrícia. Espírito Santo em revista. In: MARTINUZZO, J. A. (Org.). *Impressões capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo*. Vitória: Imprensa Oficial do ES, 2005. p. 282-315. Disponível em: <<http://www.comunicacaocapixaba.com.br/impressoesc.htm>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

NEVES, Guilherme Santos. Pseudônimos e pseudônimos em “Vida Capichaba”. *Fernão*, Vitória, ano 2, n. 3, p. 65-70, jan./jun. 2020.

NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. *Revista Vida Capichaba*. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/exposicoes/revista-vida-capichaba/>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SALGUEIRO, Wilberth. Crônicas do Espírito Santo de Rubem Braga: escritos melancólicos e bem-humorados sobre o tempo – “Esse bicho que tudo come”. In: LOPES, Orlando; SODRÉ, Paulo Roberto; SALGUEIRO, Wilberth (Org.).

Recados de tempo: estudos sobre as crônicas de Rubem Braga. Vitória: Edufes, 2014. p. 229-248.

VIDA Capichaba, Vitória, [vários números] 1930, 1931, 1932, 1933. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

WERNECK, Humberto. Rubem Braga (1913-1990). In: PORTAL da crônica brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles; Casa de Rui Barbosa, 2018-.

NOSSAS ESCOLAS



Alunos do grupo Escolar «Bernardino Monteiro», que concluíram o curso complementar, em companhia da prof. Maria Raftes, e do prof. Jocarly Chagas, director interino desse estabelecimento.

BUSCA-PÉS

Mulher—mysterio humano que a gente precisa amar para comprehender e não comprehender para amar . . .

⊗ ⊗ ⊗

Quando a acção de um nosso semelhante é humana de mais, falamos :

—Que deshumanidade !

⊗ ⊗ ⊗

Pessimismo—imposto que o homem paga á intelligencia.

⊗ ⊗ ⊗

Não ha livros bem e mal escriptos—ha livros bem e mal lidos.

⊗ ⊗ ⊗

O melhor meio de alguem provar que possui miolos é estoural os com um bala.

⊗ ⊗ ⊗

Não vá o leitor aceitar como verdade o que ficou dito acima. É um pensamento que tive em uma noite de... dôr de cabeça.

⊗ ⊗ ⊗

Quem nasce para dez reis nunca chega a vintem—diz o ditado melancolico.

Ha muita moeda de dois mil réis falsa neste mundo !

⊗ ⊗ ⊗

Paradoxo é uma verdade de pernas para o ar. Não parece uma verdade. Mas é, sim..

Rubem Braga.

MENTIROSOS E POETAS...

A' LUZ DA PSYCHANALYSE

Na «Vida» [Capichaba], de 30 de junho, o sr. Almeida Cousin combateu a afirmativa de que as crenças mentirosas podem revelar nessa tendência a sua vocação poética.

Essa afirmativa, elle a encontrou em algumas theses defendidas no Curso Superior de Cultura Pedagógica.

Não pude fugir á tentação de rabiscar aqui meus commentarios inoffensivos de *dilettante*. Juro que sem a menor pretenção.

Diz o brilhante articulista que «os versos de amor representam a sinceridade que, no meio da hypocrisia universal, buscou o ultimo refugio no symbolismo poetico...»

Inteiramente de accordo.

O artista exprime a verdade com um symbolo.

É a verdade do artista, a verdade *symbolica*, é tão legitima, tão real, tão verdadeira como a do sabio (*analytica*) ou a do philosopho (*synthetica*).

Assim pensam Paul Adam, Caullet, Anatole France, Roberty e outros.

Portanto, a obra de arte é sincera: é uma expressão da realidade, exterior ou interior.

O poeta fala a verdade, embora com a linguagem dos symbolos.

Deante disto, o sr. Almeida Cousin pergunta: «Si tal succede ao poeta adulto, homem de sociedade, habituado ás boas maneiras e ao *self-control*, será acaso logico concluir pela sua tendencia á mentira e á falsidade na quadra infantil, quando não soffre ainda a acção constrangedora do meio social? A mim, parece a logica do absurdo...»

Discordo.

Em primeiro lugar, nenhum freudista avançaria que uma crença mente antes de soffrer «a acção constrangedora do meio social.»

Pelo contrario, todos dizem que antes de soffrer a pressão externa, o primeiro esbarro da censura, o que aliás se dá logo na primeira infancia, a crença não pode mentir.

Elle mente (Porto-Carreiro): a) por impul-

são, b) por timidez, c) por fantasia e d) por calculo.

Não mente por mentir. Mente por impulso, quando a idéa toca o complexo recalçado (é preciso, pois, que já haja um complexo recalçado) e vem representar-se no consciente, deformada pela censura, sob a forma antithetica ou negativa: mente por calculo, quando visa um lucro; e mente por fantasia.

o sr. Almeida Cousin abra as gavetas de sua memoria e verifique: quantas vezes não mentiu, em crença, por simples prazer, sem intuito de lucro e sem medo de castigo?

Pois bem: é assim, é por fantasia, que mentem as crenças que têm uma sensibilidade e uma imaginação maiores do que as comuns — as crenças que têm o destino da Arte.

Elas são sinceras, como os poetas são sinceros. O poeta diz a verdade por meio de um symbolo. A crença, que ainda não sabe a linguagem dos symbolos, diz a verdade por meio da mentira. No fundo, é a mesma cousa.

A crença muda os personagens de suas historietas intimas, baralha os seus enredos; e a sua mentira é o disfarce de uma verdade interior que ella sentiu, mas que não pode exprimir, porque a censura não deixou.

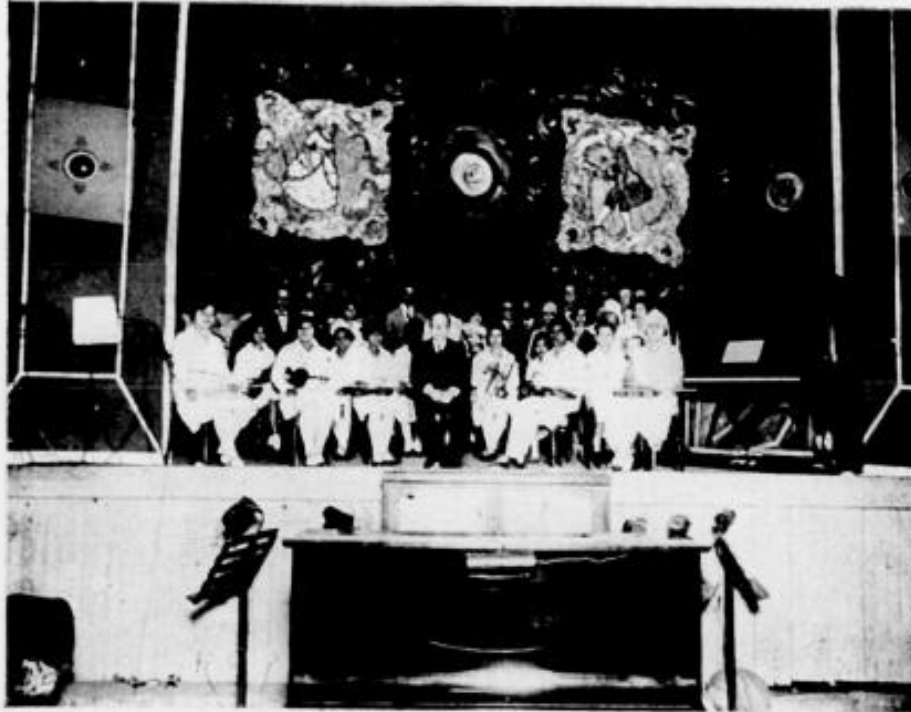
A mentira infantil por fantasia está muito mais proxima de um poema do que um sonho. Pelo menos, nella a consciencia intervem, procurando dar verossimilhança á narração.

Uma vez chegada a puberdade, depois do primeiro soneto, quasi sempre não ha mais necessidade de mentir por fantasia. A libido, então, se extravassa em poemas, em que se espelha a inquietude interior do Poeta...

E nós devemos render graças a Deus, quando esses poemas têm a delicada belleza dos que faz o sr. Almeida Cousin para a delicia e encanto de quem os lê...

Cachoetro de Itapemirim, 3-7-930.

Rubem Braga



Orchestra do Asylo «Deus, Christo Caridade,» Cachoeiro de Itapemirim, que se exhibiu, com exito, nesta cidade.

Emil Ludwig, o grande biographo allemão que historiou a vida de Napoleão, Goethe e Bismarck, e que recentemente alcançou em Paris um successo estrondoso com o seu livro sobre a Grande Guerra, propoz-se a escrever a lenda de Jesus.

Ludwig é judeu, e parece ter um certo orgulho nisso. Conseguiu encarar a vida de Christo sem o menor preconceito religioso ou ethnico, apenas com os seus olhos temiveis de psychologo. E fez um bello livro, uma especie de romance ou poema, que se lê com tanto agrado como «Iracema» ou qualquer outro, e certamente com mais appetite do que a estafante «Viagem Maravilhosa»...

É bella e cheia de poesia a historia de Jesus. Desde as primeiras paginas, o leitor sente que Jesus traz no coração a marca do genio. Traz o seu destino superior, traz o seu espirito.

A crença é cheia de mysticismo, e vive a scismar nas montanhas. O adolescente é bom

© *Filho do Homem*

e simples, vivendo, no meio da gente ingenua, dos pobres, das creanças e das mulheres.

Pouco a pouco esse homem vai fazendo a sua philosophia, cheia de meiguice, cheia de ternura, como se viesse do cantar das fontes e da luz do sol.

«Desgraçado é aquelle que, ao caminhar meditando sobre a lei, se interrompe para dizer: como esta arvore é bella!» Esse proverbio phariseu, cheio de formalismo e hypocrisia, revolta Jesus. Será prohibido admirar uma palmeira, que sussurra ao vento? Então não se pode contemplar a terra, quando se pensa em Deus? Jesus imagina uma crença mais natural, mais tolerante e humana... Uma crença de amor puro e de bondade simples...

A figura impressionante do Baptista apparece, e depois... Depois, é a vocação irresistivel, o appello para o sacrificio. Todo o seu ser palpita, seu espirito se embriaga de desconhecido, elle delira... O primeiro milagre... e o

Fac-símile da primeira página de "O filho do homem" (1930, n. 242).

filho da Galiléia parte para o seu destino incerto.

Onde elle ia, mansamente, simplesmente, todos se calam, inundados de uma impressão de amor raro. Elle ensina aos pobres e silenciosos habitantes do lago de Génésareth, que o entendem pelo coração, as verdades que elle mesmo sente.

Elle seduz, elle fascina a gente pobre, a gente boa...

e tem os seus deícitos, e a sua incerteza, e a sua melancholia...

Quanto a Judas, apparece quasi justicavél, pelo menos superior a Pedro e aos outros. Pilatos, um bom tipo, cheio de sympathia.

Indulgente, emfim, conseguiu fazer uma historia nova da velha historia, que todos nos ouvimos em creança. Lendo-a, a gente aprende a amar Jesus.

Si aquelle homem, que ali está, existiu de



Senhorita Herodith L. Machado, filha do capitalista Manoel Franklin Machado, residente em Rio Preto, Estação de Divisa, neste Estado.



Senhorita Maria L. Machado, tambem filha do sr. Manoel Franklin Machado, nossa constante leitora, como sua irmã.

Dahi para a frente, a historia é profundamente dolorosa. Começará a incerteza, os sofrimentos, a luta inútil contra todos e contra si mesmo, o Gethsemani, o Calvario...

São paginas que não se esquecem mais. Nellas palpita uma alma que se sente humana. Jesus vive, Jesus pensa e sente como um de nós.

verdade, e existiu assim, ou si elle era um Deus ou visionario não interessa.

Ama-se Jesus pelo que elle tem de humano, Pela Beleza que illuminava toda a sua vida. Pela sua incerteza, pela sua resignação infinita, pela sua dôr que tem um pouco da dôr de todos nós. *Itarhy, agosto de 1930.*

R U B E M I B R A G A



Assistencia á missa campal, realizada em Piratininga, em acção de graças pela victoria da revolução.

Um telegramma de Vienna annunciou que Sigmundo Freud está gravemente enfermo.

Adiantou mesmo que uma ulcera na lingua condemnou á morte, por estes mezes, o grande sabio europeu.

Naturalmente o telegramma diz essas cousas com a mesma frieza com que noticia uma discussão sobre o preço da azeitona ou declarações do estupendo Epitacio Pessoa.

Naturalmente.

Mas acontece que a noticia é triste. Agora, Freud é um cadaver vivo, um sujeito cuja humilhante funcção é esperar a morte.

Essa é uma das mais feias tragedias da sciencia: esperar a morte.

Reduz o homem a uma caricatura de si mesmo, um pedaço de gente inutil e ridiculo, vivendo apenas por vicio, como o fumante que chupa um cachimbo vazio.

No caso de Freud, essa tragedia é a mais

UM TELEGRAMMA

sombria possivel. Elle é —melhor, elle foi— um dos espiritos mais curiosos e inquietos de seu tempo.

Teve a febre de excavar minucias, pesquisar no fundo do lamaçal da alma do homem as pequeninas razões que ninguem percebe.

Sua analyse assombrosa jamais recuou ante os gritos hystericos de nossa Moral immoralissima nem os berros de nosso Romantismo estrabico, surprehendidos em flagrante nos *bas fonds* do inconsciente.

Pelo destemor infinito de suas theorias fugiu aos padrões do Homem Mediocre, definido e castigado por Ingenieros, e subiu ás regiões attingidas pelos mais puros espiritos humanos.

Foi um genio: porque soube rasgar novos horizontes ao homem, arrostando, na frente, todos os perigos dessa allucinante escalada.

Destruiu e construiu mentalidades.

Adaptou o homem ao seculo da machina.

Fac-símile da primeira página de "Um telegramma" (1930, n. 254).

restituindo-lhe uma pureza mais pura e mais humana.

Dahi, ser chamado de philosopho do inferno-homem.

Na verdade não chegou a fazer uma philosophia. Quando quiz deixar o seu escalpelo de psychologo para philosophar, passou pelo risco de se negar a si mesmo. Mas a sua obra é materia prima para a fabricação de cem philosophias.

Tambem foi accusado de descobrir uma doença mental em cada homem, por uma dessas manias communs nos psychiatras.

Mas o que elle provou foi apenas que o homem normal é um bicho que soffre de terriveis anormalidades, fructos de sua propria civilização.

E quiz apenas normalizar o homem, reconcilia-lo com a sua propria natureza.

Quiz affirmar que saber não é um peccado, e viver segundo a sciencia é viver segundo a moral.

Ora, para um homem como esse, que passou certamente por espantosas tempestades interiores, no afan de se pesquisizar a si proprio —esperar a morte deve ser uma tortura chinesa.

Enquanto a morte não vem, elle ha de sen-

tir o seu proprio espirito se ir enfraquecendo e as miserias do inconsciente subirem á tona, e velhas covardias infantis voltarem... Elle ha de perceber o seu proprio esforço para esperar a morte, quer dizer, o desconhecido, o turbilhão, o Nada.

Na sua ancia de comprehender, elle ha de se sentir esmagado ante as confusões indecifráveis da agonia.

Talvez no minuto supremo, naquelle minuto que para Maeterlinck pôde santificar uma vida, palpitando de um desconhecido heroismo, elle faça a sua melhor e inesperada descoberta—demasiado tarde...

Porque o problema da Morte foi uma das suas preocupações.

Não a Morte em si mesma.

Mas a attitude do Sér deante do Não-Sér.

A origem dos tabús millenarios construidos sobre o mysterio do Nada.

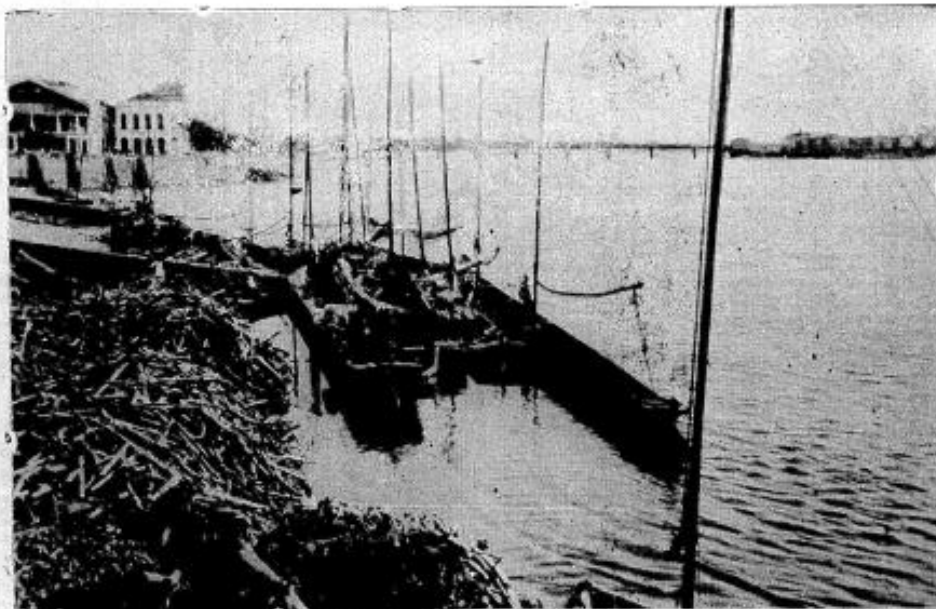
O terror da Morte.

E' esse homem que agora está melancolicamente esperando que uma ulcera se prolongue até a garganta e torne impossivel a respiração...

Vingança divina, com certeza.

Rubem Braga.

NOSSA TERRA



Descarga de lenha á margem do rio Parahyba em Campos (E. do Rio)

Fac-símile da segunda página de "Um telegramma" (1930, n. 254).

Venho de ler de um só arranco o livro que Jimenez de Asúa escreveu em 1928 sobre «Libertad de amar y derecho a morir.»

IDÉAS PERIGOSAS. . .

Jimenez de Asúa é o maior criminalista hespanhol neste momento.

Talvez fosse mais certo chamal-o de hespanhol criminalista.

Logo pelo bello titulo do livro se adivinha aquella generosa ousadia, aquella amor aos grandes nomes sonorosos, tão peculiares aos homens da terra de Don Quixote De La Mancha. «ingenioso hidalgo»

E depois, quando se penetra as paginas, vê-se que o hespanhol é criminalista mesmo. Jimenez de Asúa defende a liberdade de amar. O casamento lhe parece uma instituição agonizante, incompativel com a sinceridade e o progresso da vida moderna.

Não quer o amor desentreado e bestial, amor anarchia, destruidor da sociedade.

Não quer a polygamia e a libertinagem.

Deseja e batalha pelo amor livre e sincero, sem a hypocrisia do matrimonio que teima em acorrentar o dynamismo do instincto e que acaba não sendo sinão um rotulo bonito da dissolução e da polygamia.

Aspira a uma maior liberdade do homem e da mulher na sociedade de hoje.

O divorcio para elle é um simples pallativo, que nada resolve e tudo complica.

Approva o que se faz na Russia em que as uniões são livres e podem ser provadas de qualquer modo, o Estado só intervindo quan-

do apparecem filhos. O registro do casamento existe mas como simples meio de prova, substituiavel e facultativo.

O Estado não intervem no amor do homem e da mulher, mas se manifesta logo que desse amor nasçam filhos, no sentido de obrigar os paes a garantir a sua subsistencia e educação.

Eu não diffundiria taes idéas si não tivesse por ellas alguma sympathia.

Pois tenho essa sympathia. Penso que essas idéas vencerão mais tarde ou mais cedo. Ellas estão integradas no rythmo dos novos ideaes que agitam a civilização moderna.

Agora vamos lançar uma vista para o Brasil.

O casamento, aqui, ainda se mantém em toda a sua excelsa plenitude.

Nem mesmo existe o divorcio—que servirá de transição para o amor livre.

Os campeões da sociologia indigena berram que o divorcio é contrario aos interesses sociais.

Interesses sociais!

No seculo XVIII uma senhora clamou do cadafalso contra os crimes que se commetiam em nome da «liberdade.»

Hoje, esses crimes são praticados em nome dos «interesses sociais»...

Tabús.

Rubem Braga

Haydée Nicolussi, Lydia Besouchet e

Ilza Dessaune

Esses tão festejados nomes, de três das mais radiosas afirmações literarias femininas do Espirito Santo—estão no rol dos nossos colaboradores effectivos, a partir deste numero.

Haydée Nicolussi é a poetisa suave e contrastista imaginosa, cujos trabalhos têm figurado nas principaes revistas do Rio.

Lydia Besouchet, cuja penna ironica tece, em trama subtil e luminosa, os mais interessantes commentarios, tem um talento polymor-

fo, que vai da eximia caricaturista á pensadora emotiva.

Ilza Dessaune, a chronista vibrante, em cujos trabalhos se notam, ao par da elegancia do estylo, conceitos de verdadeira pensadora e analysta, dispensa qualquer referencia, por já estar de ha muito festejada como um dos mais cultos espiritos do nosso meio.

Ao lado de Christiano Fraga, Rosendo Serapião, Cyro Vieira da Cunha, Newton e Rubem Braga e tantos outros espiritos novos, essa trindade brilhante—Haydée, Ilza e Lydia—vêm dar á *Vida Capichaba* o concurso magnifico das suas pennas amestradas.

Nós, *Vida Capichaba* e leitores estamos, pois, de parabens.

Fac-símile de "Idéas perigosas" (1931, n. 257).



**NOSSA
SOCIEDADE**

—
Senhorinh: Alair
Alves Araujo, fi-
lha do capitalista
Antonio Pinto
de Araujo,
no dia dos seus
espossees.

— A T E U R E S P E I T O —

*Não te faço mais elogios. É' cobotismo.
Eu te amo porque és bonita. És bonita porque eu te amo.
Tu és a minha vida... A minha vida? Deus te livre.
Veneno? Ora, essa. Os teus lábios não tem veneno algum. Eu é que ando
envenenado.
De amor.
— Igual a todas as outras.
— Juntas.
Onde termina a tua vida? Onde começa o meu sonho?
Em grande parte, tu não existes.*

RUBEM BRAGA

Fac-símile de "A teu respeito" (1931, n. 267).

DEVE TER MUITA SAUDE

RUBEM BRAGA

A metade dos nossos males se reduz a um; pessimismo. Somos 40 milhões de sujeitos descontentes, azedos, irritados com tudo o que existe.

Não está certo.

O optimismo não pode ser monopolio dos artigos de fundo dos jornaes do governo.

Deve existir na alma de cada brasileiro como fonte de energia moral e de coragem.

Um pensador francez que é principalmente um pragmatista, escreveu: «Ninguem pode pen-



Dr. Bricio de Moraes Mesquita,
clínico em Cachoeiro de Itapemirim.

...sar de nós o que nós mesmos não pensamos.»

E o que é que o brasileiro pensa do brasileiro?

Uma serie de tolices.

E' preciso renovar essas idéas.

Precisamos encarar a realidade com o sorriso dos fortes e a segurança dos invencíveis.

Pela nossa força, pela nossa singularidade,

nós venceremos. Nós venceremos todos e tudo em toda a linha.

Um jornalista italiano, commentando o 13 de Maio e o 15 de Novembro, duas revoluções pacificas, lançou uma phrase: «Este paiz é o primeiro ou o ultimo do mundo.»

Fiquemos com a primeira ponta do perigoso dilemma: nós somos o primeiro do mundo.

Si hoje resuscitasse um pequeno burguez de 1831 elle seria capaz de morrer novamente... de assombro:

—O que, o Brasil continua a existir?

Os jornaes diziam que o Paiz estava á beira do abysmo...

—E' verdade, cavalheiro. Os jornaes continuam a proferir essas tolices. E nós continuamos a viver, apesar dos jornaes e apesar de nós mesmos.

De facto, a existencia deste Paiz é um mysterio encabulador. Como existimos no meio de tantos problemas, tantos erros, tantas crises?

O mais assombroso é que progredimos.

Não ha negar—progredimos firmemente em todos os sectores de actividade.

Dahi se deduz que o nosso povo sabe resistir: possui boa tempera, possui tutano na alma. Apesar de todos os apezares elle resiste e avança. Parece o jogaço de Euclides. E faz lembrar uns versos gostosos que Fontoura Costa publicou em «Para todos»:

Nha Chiquinha Grude contava as suas doencas:

*«Sinto o corpo esbandaiado
Me dóe o estamego, o rim...»*

Dores por todos os lados, achaques por todas as bandas. Nho Cardim, que escutava a amolação da velha ficou assebrado:

*—«Bão Jesus de Pirapóia!
como mecê tá agora,
que é só duença? Mais, co effeito!...»*

*Mecê, nha Chiquinha Grude,
deve tê munta saude,
p'ra sê duente desse jeito!»*

Rubem Braga

Fac-símile de "Deve ter muita saude" (1931, n. 273).

VIDA CAPICHABA

ANNO IX
NUM. 277
Victoria, 23 de
maio de 1931

REVISTA MODERNA ILLUSTRADA
FUNDADA EM 1923 - CIRCULA AOS SABBADOS
DIRECTOR: M. LOPES PIMENTA
REDACTOR: M. TEIXEIRA LEITE
Indicações: BUREAU CENTRAL DE - TELEPHONE 111 - CADA POSTAL 1133
- VICTORIA - ESTADO DO ESPIRITO SANTO -

ASSIGNATURAS
ANNU... 6000
SEMIANNU... 3000
MENSUAL... 1000

IMPRESSÕES DE BELLO HORISONTE

RUBEM BRAGA

CIDADE de ruas grandes, de ruas largas, cidade cheia de flores, cidade cheia de sol. Sabei de outra cidade, cheia de ruas tortuosas, cidade industrial, proletaria, perversa, internacional, *coq-tail*, humanissima. Habitudo ao tumulto das linhas e ao desencontro das perspectivas esfrangeadas. Habitudo ao sombrio, ao mudo drama da multidão e ao profundo contraste da vida em grande escala.

E cheguei dentro de você. Onde tudo é harmonia, rythmo, serenidade. Onde se vive de bem com o tempo e o espaço. Onde as ruas largas não lutam pela vida angustada pelos arranha-céus, mas vivem a sua existencia calma e poderosa sob a luz do sol. Meus olhos tinham penetrado todo o mysterio das esquinas inesperadas e das viellas e becos. E você, cidade das avenidas cheias de arvores, cidade jardim, cidade aerea e gloriosa, me inundou com uma impressão de força descaçada, de energia bem distribuida, uma sensação feliz de quem tivesse a alma cheia de sol.

(Londres)

New-York! S. Paulo!

Rio? Paris?

Venezia... Vienna...

Hamburgo.

Bello Horisonte.

Bello Horisonte sem os parenthesis das cidades impenetraveis, sombrias, obscuras.

Sem o vigoroso ponto de exclamação das urbs dynamicas.

Sem as reticencias e o lyrismo das cidades que sonham...

Sem a deliciosa interrogação das cidades femininas, variaveis, inquietas.

Sem o ponto final, o secco e decisivo ponto final dos centros de commercio.

Bello Horisonte que não espanta, não anniquila, não provoca nem desconcerta.

Onde se resumiu todo o espirito mineiro e brasileiro da dcçura, pola eu li na parte traseira de um caminhão, escripta em letrinhas bordadas, esta phrase assombrosa:

«Queira desculpar a poeta.»

Fac-símile de "Impressões de Bello Horisonte" (1931, n. 277).

Commentarios sobre o catambá

RUBEM BRAGA

Em Victoria talvez ninguem saiba o que é catambá.

Não sei se algum estudioso — Elpidio Pimentel? Arnulpho Neves? — já trocou relações com esse brasileiro.

Ca-tam-bá.

Que nome sonoro, que nome gostoso!

Tem a cadencia da lingua primitiva.

O rythmo solto e simples que a terra barbara ensina ao homem barbaro.

Catambá existiu em Maratayses. Maratayses é uma praia (uma linda praia, uma praia excepcional) que existe nas costas do Espirito Santo, a pouco kilometros da Barra do Itapemirim.

Todo capelhaba tem a obrigação de conhecer Maratayses. No sul do Estado não existe nenhum que não a tenha visitado.

A praia está ligada a Cachoeiro por uma estrada de ferro. São 3 horas de viagem. E a Passagáda. A Passagáda que Manuel Bandeira não conhece. Em Maratayses a vida é outra. Não existem telephones. Ninguem lê os jornaes. Os desembargadores tocam viola. As melindrosas passeiam de tamancos. Os poetas aprendem a nadar.

Os maiores problemas humanos resumem-se ali em brincar, comer e dormir. E' expressamente prohibido pensar na vida. Quem, no meio de uma reunião, falar em politica é immediatamente carregado até a praia e forçado a tomar um banho com a roupa que vestir no momento do delicto.

O amor é tolerado e praticado livremente até o ultimo grau do *flirt*. O namoro está fóra da lei e quem se apaixonar por alguma praia-na recebe um convite para seguir para Cachoeiro pelo primeiro trem: extradição sumaria.

Nesse lugar feliz existiu o catambá.

Catambá é isso — um baile.

Um baile de maratimbas.

Maratimba (outro brasileiro, sr. Elpidio Pimentel!) é simplesmente quem vive em Maratayses e adjacencias.

O veranista é um maratimba provisório. Voltemos ao catambá.

Uma sala de chão de terra batida. Um violão. Uma rebecca. Um pandeiro. Um lampeão. E a maratimbada dançando. De vez em quando, no meio do samba, dois pescadores começam um desafio ao rythmo nervoso dos pandeiros. E cantam versos sobre as cousas do mar. Sobre o peixe que tem o retrato colorido de Nossa Senhora nas escamas. O tubarão que vira canóas. O arrieiro (mais um brasileiro, sr. Arnulpho Neves!) que as arrasta para o mar alto nos dias de vento sul. Sobre o amor e sobre a morte no meio das ondas...

O maratimba no pandeiro esquece a vida. Todo elle estremece, na angustia e no gozo de achar a rima para o verso do parceiro.

E o pandeiro rufa. Plantado de cócoras sobre os dedos dos pés o homem se recurva e canta.

O catambá maratimba...

A luz electrica expulsou o lampeão.

Os *bungalows* tomaram o lugar das casinhas de palha.

E a victrola assassinou o catambá.

Mais uma tradição que tombo.

O que é uma tradição? Uma cousa absurda que foi substituida por outra melhor.

Mas que deixou na alma do homem outra cousa absurda — a saude.

Ainda ouço, catambá, o melancolico rufar dos teus pandeiros.

Ainda te vejo, meu bravo Quirido, «puzando» as rimas do desafio.

Mas concordo em que um baile alimentado a victrola dentro de um *bungalow* é muito mais confortavel.

Tem menos poesia?

Mentira. A poesia só existe dentro da gente.

Catambá morreu.

Vamos ao *fox trot*. A vida tocou para a frente. Ainda bem. A gente assim, pelo menos, tem a illusão (simples illusão) de que existe alguma cousa boa neste mundo desarranjado.

O passado...

Fac-símile de "Commentarios sobre o catambá" (1931, n. 285).

VIDA CAPICHABA

ANNO IX
NUM. 286

Victoria, 25 de
julho de 1931

REVISTA MODERNA ILLUSTRADA
FUNDADA EM 1923 — CIRCULA AOS SABBADOS

DIRECTOR: M. LOPES PIMENTA
REDACTOR: M. TEIXEIRA LEITE

IMPRESSÃO E GRAFICA: IMPRESSORA S. — TELEFONE 111 — CADA FOLHA 1000
— VICTORIA — ESTADO DO ESPIRITO SANTO —

ASSIGNATURAS

ANNO 1931
SEMANA..... 2000
MENSAL..... 1000

HYPOCRISIA

Ha dias em que tenho a impressão de que nós, os homens, tivemos atolados em um lamaçal putrido de hypocrisia. Hypocritas! Ha os de interesse, os de covardia e os que são hypocritas, pelo simples goso e pela mesma razão de serem hypocritas. Nada me enoja tanto como esta ultima classe de gente.

• • •

No meio literario essa orgia de convencionalismo é allucinante. Cada imbecil se sente no dever de elogiar e no direito de ser elogiado por todos os outros imbecis. Quantas vaidadezinhas literarias a destroçar, quantas gloriolas a pôr abaixo com um sopro de sinceridade!

• • •

Oh! A vergonha que me inspiram essas cooperativas de elogio mutuo que proliferam por ahí. Não existirá no animal humano a consciencia do ridiculo?

• • •

Deuses eternos que vos divertis com as tolices humanas— desencandeae sobre os homens a furia sagrada de vossos espiritos. Uma chuva de parallelepipedos, por exemplo, seria optima. Uma tempestade de cangalhas, magnifica. Teriamos espectaculos ineditos.

Seria preciso collocar nos jardins publicos para uso de certas celebridades a taboleta de Pitigrilli: «E' prohibido comer a gramma.»

• • •

Façamos uma pressão constante e feroz contra a hypocrisia ambiente.

Não nos afundemos no ridiculo total.

R U B E M B R A G A

Fac-símile de "Hypocrisia" (1931, n. 286).

TÉDIO, ETC.

TÉDIO

Domingo. 9 horas da noite. Lua cheia. Belo Horizonte. Lá fóra, na cidade, ha um fervilhamento de elegancias nos jardins. Meninas de cabellos castanhos, de sorrisos suaves, de sapatos brancos passeiam interessantes, convidativas, mineiras bonitas, quinze annos, curso normal, esperança...

A esta hora os cinemas estão cheios, a Avenida está cheia e eu me acho vazio, absor-to, ferozmente sentado na cadeira em frente á mesinha do meu quarto de minha pensão barata, mesinha coberta por um panno onde ha in-criveis rosas azues, vermelhas e amarellas que estou enjoado de vêr. Não penso nada, não leio nada, não desejo nada, não faço nada. Lá fóra a vida rôia, a lua exhibe se toda nua, parisien-se nua e o ceu está limpo e bello talvez sobre a cidade que briha encima das montanhas.

Isso não me inspira, não me aborrece, não

me attinge. Houvesse um assassinato em baixo da janella, eu não me levantaria para vêr, tão irritado estou contra tudo o que existe, tudo o que vive, caminha e acontece fóra de mim.

Livros relidos encima da mesa se offercem como mulheres velhas a um homem saciado que não quer ouvir mais a torpe palavra amor.

UMA VERDADE

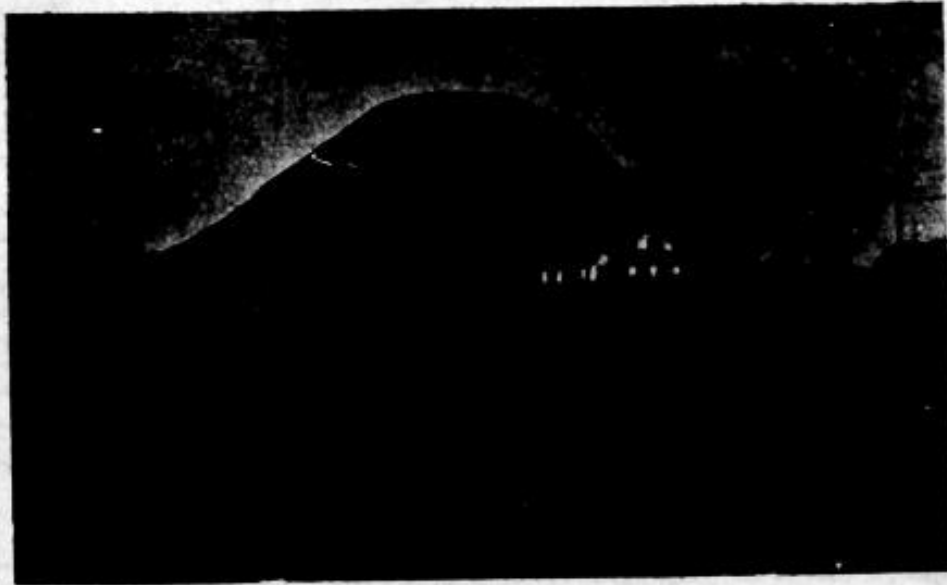
Que cousa deliciosa dizer uma verdade! No meio de uma conversa, nesse momento em que toda gente espera que saia de nossos labios uma mentira delicada e convencional, dizer simplesmente a verdade, sem exagerar e sem pedir desculpas!

A INJURIA

Por que me injurias, inimigo? Não sentes que a simples pureza de meus olhos bastará para te desmentir? Admiro o teu esforço, bravo homem. Quando faço alguma cousa nobre e não ouço as tuas palavras de calumnia e de maldade, não imaginas como esse silencio me faz soffrer e duvidar de mim mesmo.

Rubem Braga

NOSSOS CLUBES



O Saldanha da Gama, á noite.

Fac-símile de "Tédio, etc." (1931, n. 287).

VIDA CAPICHABA

REVISTA MODERNA ILLUSTRADA

FUNDADA EM 1923 — CIRCULA AOS SABBADOS

DIRECTOR: M. LOPES PIMENTA

REDACTOR: M. TEIXEIRA LEITE

Redacção e officinas: BRENDIP CAPICHABA, 23 — TELEPHONE 117 — CAIXA POSTAL 3153
— VICTORIA — ESTADO DO ESPIRITO SANTO —

ANNO IX
NUM. 300

Victoria, 7 de
outubro de 1931

ASSIGNATURAS

ANNO 45000

SEMIANNO 25000

QUINZENARIO 15000

O ULTIMO PECADO DO DEFUNTO, SECULO 19



SECULO passado que começou tão doente de reumatismo acabou encharcado de ironia.

E acabou em 1914, segundo as melhores informações. Também se pode dizer que no Brasil ele está acabando agora, porque é agora que entre nós começa a se desenhlar a reacção contra a ironia.

Isso é uma coisa tão difficil como a reacção contra o romantismo que foi o trabalho dos ironistas do seculo passado. Aqueles homens como Eça de Queiroz, cuja mocidade foi perdidamente wertheriana, por mais que escrevessem *blagues*, satiras e paradoxos, por muito que forcejassem para colocar o jovem romantico de ceroulas perante os seus leitores, não conseguiram jamais, coitados, acabar com o lirismo que tinha tomado conta deles, que estava no sangue deles e que aparecia, disfarçado embora, em tudo o que eles faziam e diziam. Assim também eu penso que nós, os que agora subimos para a vida, viciados da ironia do *fin de siècle*, precisamos estar sempre atentos para evitar fazer do nosso seculo um lithote degenerado do seculo passado.

O nosso primeiro trabalho é saltar sobre as pilhas de volumes de Anatole, Wilde, Eça e Machado para pisar a terra firme da vida — dessa vida que pretendemos viver assim como na verdade ella é, sem as camuflages ingenuas do romantismo nem as reticencias amargas da ironia.

E' verdade que os noventa e cinco por cento da mocidade deste minuto tem pelo menos 31 anos, isto é, são felizes espirites do seculo defunto.

Mas, nessas questões, minoria de hoje é maioria de amanhã e as que têm cerebros mais bem organizados acabam ganhando.

Nós, cinco por cento, venceremos.

E' preciso entretanto que para isso, para acabar com a praga da ironia, não desdeshemos de empregar nenhuma arma — sem excepção, talvez, da propria ironia.

R U B E M B R A G A

Fac-símile de "O ultimo pecado do defunto seculo 19" (1931, n. 300).

VIDA CAPICHABA

ANNO IX
NUM. 304
Victoria, 15 de
novemb. de 1931

REVISTA MODERNA ILUSTRADA
FUNDADA EM 1923 - CIRCULA AOS SABBADOS
DIRECTOR: M. LOPES PIMENTA
REDACTOR: M. TEIXEIRA LEITE
Redacção e Officina: BARRIO COPACABANA, 25 - TELEPHONE 1117 - Caixa Postal 1111
- VICTORIA - ESTADO DO ESPIRITO SANTO -

ASSIGNATURAS
ANNUAL 15000
SEMIANNUAL 8000
TRIMESTRAL 4500

CARTA de agradecimento

MOÇA, logo de sahida me desculpe por esta carta não estar lá no fim da revista, na *Correspondencia Elegante*. E' que sou um rapaz como qualquer outro, um pequeno burguez que anda beirando os 19 e que se sentiria muito desagaitado entre os condes e as princezinhas demasiado *chics* da *Correspondencia*. Aqui eu lhe posso falar com mais desembaraço e começarel por lhe dizer, moça de meu Estado, que o seu pequeno, ingenuo retrato da «Vida Capichaba» foi a cousa mais emocionante que a minha saudade tem apreciado daqui de longe. A minha saudade não é saudade de você, está visto, que eu não conheço, mas é a saudade grande da minha terra que você conseguiu nem sei como resumir na simples expressão calma de seus olhos sob a franja dos cabelos. Nos olhos é também nesse geito de sorriso que ficou esquecido nos seus labios. Ainda ontem de tardinha, vagabundeando pela Praça da Liberdade eu assisti a um crepusculo, um certo crepusculo esbranquiçado e sereno, que adormece atraz das arvores magras e tristes de um morro distante. Não sei si foi a expressão daquellas pequenas arvores tão humanas, nem si foi a sugestão das grandes rosas pensativas e exageradas que o crepusculo coloria na Praça, nem si a cantilena dos sinos da Lourdes e da Boa Viagem, eu sei apenas que

me sentei num banco e fiquei pensando, pensando no crepusculo de minha terra, com uma saudade impetiosa e doente, muito difficil de acontecer dentro do meu temperamento pouco poetico. E agora, depois de uma fatigante leitura de Direito das Obrigações eu abri a «Vida Capichaba» e de repente encontro esse seu pequeno, ingenuo retrato... O crepusculo de ontem me lembrou aqueles meus crepusculos de Cachoeiro de Itapemirim, aqueles sagrados crepusculos que beijam a agua tremula do rio que está sempre murmurando o seu murmurio no fundo da minha lembrança mais esquecida, e que vestem de fortes côres a imponencia sonhadora do Itabira... O seu simples sorriso, a mansa expressão de seus olhos sob a franja dos cabelos me trouxe a saudade da minha gente, dessa gente toda que ficou lá perto do mar e longe destas montanhas. E porque você veio trazer até o meu quarto de estudo, lá de longe, um bom olhar e um bom sorriso de lembranças de meu Estado, eu lhe agradeço nesta carta, moça. Nesta carta que amanhã eu talvez ache ridicula e me arrependa de haver escrito ou de não ter rasgado. E' só. Eu volto ao meu Direito de Obrigações. Lembranças a todos os berilos neves, principes e condes que você namora por si e aceite mais uma vez os agradecimentos do seu conterraneo.

RUBEM BRAGA
Bello Horizonte, outubro.

Fac-símile de "Carta de agradecimento" (1931, n. 301).

VIDA CAPICHABA

ANNO IX
NUM. 303

Victoria, 27 de
novemb. de 1931

REVISTA MODERNA ILLUSTRADA
FUNDADA EM 1923 — CIRCULA AOS SABBADOS

DIRECTOR: M. LOPES PIMENTA
REDACTOR: M. TEIXEIRA LEITE

Redacção e officinas: AVENIDA CAPICHABA, 23 — TELEPHONE 117 — CAIXA POSTAL 3153
— VICTORIA — ESTADO DO ESPIRITO SANTO —

ASSIGNATURAS

ANNO 45000
SEMESTRE 22500
NUMERO AVULSO 15000

VIDA

A VIDA tem me distraído com o seu jogo de inquietudes e sorrisos, e eu vou me deixando entreter na sua monocórdia toada — toada de mediocridade, lamentos, esperanças, desanimos... A vida... Muitas vezes eu já disse que tenho amor á vida mas sei que então eu não disse nada porque a vida ninguém pode ama-la nem odia-la. Vive-se.

A sarabanda dos fatos e das ideias nos envolve. Não temos rumos, nem bussolas. Para que? No infinito em que estamos jogados não ha norte nem sul, leste nem oeste. Tudo se confunde na mesma ilusão de todos os pontos de referencia, pontos de apoio, pontos de partida, pontos de destino. O pouco que sabemos é outra ilusão — o nosso proprio atordoamento que volteja sobre si mesmo para si mesmo si iludir com o fantasma de qualquer fugitiva realidade. E quando tentamos «penetrar», «subir», «aprofundar» nós vemos que afinal pronunciamos palavras sem nexos, juntamos ideias sem sentido, encadeamos arbitrariamente sensações vagas e antagonicas... Toda a attitude fica sendo artificial e pretenciosa porque a vida não nos autoriza nenhuma attitude — ella nos impõe todas, e arrasta a nossa vaidade por uma longa serie de martirios contraditórios. Quando forcejemos para reunir algumas ideias em torno de qualquer nucleo imaginario, ella tudo dispersa com a muda advertencia de uma folha que tomba, de um sol que morre. Ella não permite nenhuma fixidez, nenhuma estabilidade dentro de seu nebuloso tumulto. Quando reagimos e, desiludidos, dispersamos nós mesmos os agrupamentos fantasistas de nossas pobres percepções, ella ainda vem nos desiludir e nos desorientar; porque, em um minuto, comprendemos por um accidente banal, que no fundo de nosso inconsciente já se delineavam, para a fugitiva afirmação de um minuto, as nebulosas de novas crenças e fantasias... E vai-se vivendo. Quando se tem esperanças, vai-se vivendo por conta de alguma esperança; quando não se tem senão o desespero, vai-se vivendo pela afirmação mortificante do proprio desespero...

R U B E M B R A G A

Fac-símile de "Vida" (1931, n. 303).

Ensaio de paisagem

A noite aterrissou sem incidentes na paisagem amolentada.

As ruas mudaram de fisionomia sob as faixas douradas da iluminação. O mar bramia sem resultado deante da Itapuca indiferente.

Na esquina um homem vendia sorvetes, e a sua voz monotona era a mais alta que havia na terra.

Na praia começa o passeio da noitinha. Só nos perturba o ruído apressado dos automóveis que passam.

Agora um bonde rangeu na curva, entrando sem pedir licença na paisagem calma. Um inglês e um cachimbo meditam num banco.

O ambiente da noite vai se consolidando pela presença de mais estrelas.

No outro lado da baía o Rio está maravilhoso. Um vulto branco abençoa a cidade de cima do Corcovado, que é um arremesso de linhas se diluindo no céu escuro.

Dentro do mar ha uma canôa retardataria.

Dentro de nós ha uma emoção qualquer. A lua retardataria acaba de aparecer em cima das montanhas...

RUBEM BRAGA

Peregrino do sonho

PARA ACHILLES VIVACQUA

—Vê a serenidade do teu sonho...
O teu sonho é de púrpura e de rosas...
Não tem o aspecto horrífico e medonho das idealizações mais horrosas.

Esse teu sonho é límpido e dormente como a dormencia clara deste veio, que vae passando calmo e indiferente e carregando perolas no seio.

Peregrino do sonho da beleza,
que á sombra destas arvores sonhou.
O sonho seu ephemero morreu,
mas a beleza delle não passou...

Oswaldo A Britta



Corpo docente do Grupo Escolar «Aristides Freire», da cidade de Collatina.

Fac-símile de "Ensaio de paisagem" (1931, n. 303).

VIDA CAPICHABA

REVISTA MODERNA ILUSTRADA

FUNDADA EM 1923 — CIRCULA AOS SABBADOS

DIRECTOR: **M. LOPES PIMENTA**
 REDACTOR: **M. TEIXEIRA LEITE**

Redacção e oficinas: **QUENIP CAPICHABA, 23** — TELEPHONE 117 — CALÇA POSTAL, 3153
 — VICTORIA — ESTADO DO ESPIRITO SANTO —

ANNO IX
 NUM. 306

Victoria, 19 de
 dezemb. de 1931

ASSIGNATURAS

ANNO 65000

SEMESTRE 32500

QUINQUENAL 150000

Reflexões Sobre a Saudade



ADA boa da cidade estúpida e incompreensível, o teu sorriso me faz esquecer a enervante realidade.

Fada boa, não fosses tu, a grande cidade seria demasiado irritante e deshumana.

Tu me reconcilias com a vida alucinadora, esta vida que penetra demais em meus nervos, vascojeja demais o meu cérebro, trabalha demais o meu espírito.

Enquanto a minha imaginação era só ancias e arrancadas, eu não percebi a tua pequena sombra que pairava sobre as ruas estúpidas como um anjo da guarda.

Tive necessidade de ti muito depois, quando a inquietude passou a ser diária, a amargura começou a ser insistente nos meus lábios desiludidos.

Então principiei a adivinhar-te entre o ruído apressado dos automóveis e a sombra pretenciosa dos arranha-céus.

Uma intuição secreta me ensinava que não podia haver apenas sobre o asfalto a perversidade das bonecas viciosas e o egoísmo dos homens atordoados. Naturalmente devias estar por aí, silenciosa e fugitiva, entre o dinamismo febricitante e estúpido dos homens e dos motores...

E não negaceaste o teu pequeno sorriso que humedeceu os meus olhos.

Fada boa, eu sei que a tua existência é um pedaço de minha existência antiga que saiu pela grande cidade, e que ficou pairando sobre as ruas para me proteger contra a perfídia implacável da vida.

Sinto que as tuas azas me defendem e me acariciam; és o anjo da guarda de minha imaginação exasperada e doente.

Eu te agradeço.

R U B E M B R A G A

Fac-símile de "Reflexões sobre a saudade" (1931, n. 306).

A mocidade está bem presente em nossos nervos e em nossa carne. Ela brilha em nossos olhos, canta em nossas palavras, estua em nossos movimentos, palpita em nossos desejos.

Nós a sentimos rolar, bravia, pelas artérias, tremir, indomita, pelos músculos sadios, espraiar-se, tumultuar, pelo cérebro inquieto.

Ela nos agita, nos ilumina e nos conduz.

E' uma força que trazemos den-

MOCIDADE

RUBEM BRAGA

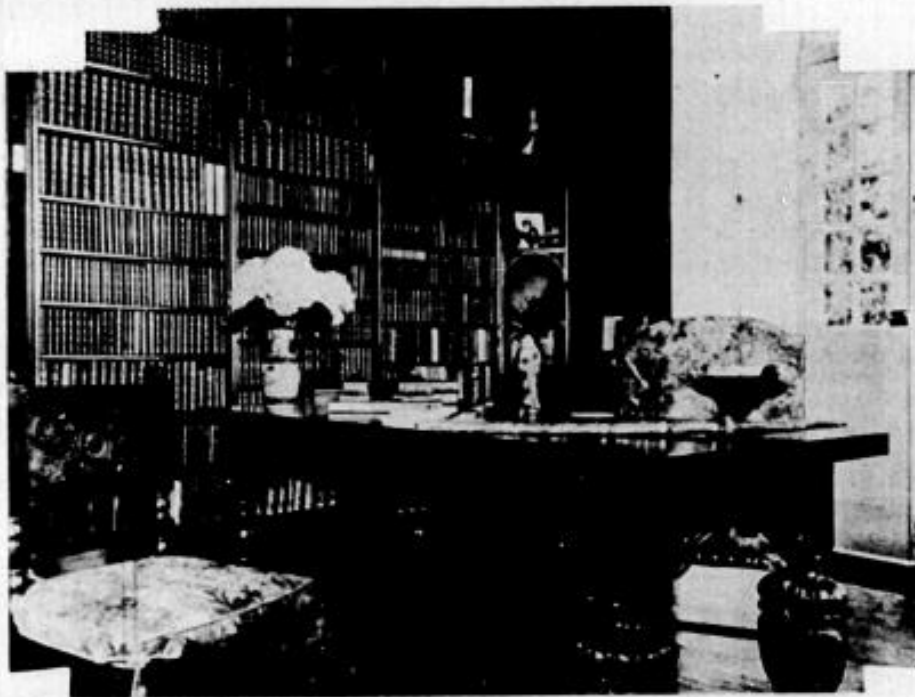
para a fantasia de mil vidas imaginárias que aparecem e desaparecem na rapidez de um relâmpago.

Então não distinguimos os limites do real e do irreal e tudo o que existe e o que se imagina, os gestos e as intenções, as anias

sofrer nem gosar a infelicidade e a dor, mas dos que renunciam antes do fim da peleja. Uns nos contemplam vagamente ironicos, outros estremeecem á nossa passagem, muitos estendem os braços para nos deter com palavras amargas.

A's vezes, encontramos o chapeu de um mendigo e o enchimento de nossos tesouros. Ele recolhe a dívida maravilhosa sem nos olhar nem agradecer, porque, em outros tempos, ele também espalhou as suas riquezas sem esperar a abor-

A BIBLIOTHECA DE UM GRANDE ESCRIPTOR



Nesse ambiente de serenidade e conforto, Benjamin Costallat compôz, com muita propriedade, suas novellas tragicas.

tro da carne, uma energia que borbulha dentro da alma. Precisamos abrir caminho á torrente, expandir na vida multiforme o tumulto da vida interior.

Quando a vida se retrói, a realidade se amesquinha, o mundo negaceia perante o dinamismo de nosso impulso, caminhamos para o sonho, partimos para a chimera dos minutos alucinantes, fugimos

e as vitórias, o sonho e a vida se confundem no mesmo ritmo febril mareado pela energia interior.

A' margem do caminho, sentimos os sorrisos dos que compreendem, a atenção dos que estudam, os olhares melancolicos daqueles que estão apenas cibandose a vida, sem

recida, a hipocrita palavra de gratidão.

Marchamos sem rumo certo e o nosso desejo seria marchar ao mesmo tempo em todos os rumos.

A mocidade está presente em nossos nervos e em nossa carne. Sentimos o dominio incessante da sua energia e da sua loucura que nos arrasta para um destino desconhecido.



Fac-símile de "Mocidade" (1932, n. 308).

O mal de escrever

RUBEM BRAGA

Esta inquietude merna, vario, que me gasta o cerebro, póde ser sincera mas não é minha.

Veiu da ambiente, da inquietude alheia.

Esta mania de viver por curiosidade; de saber por esporte; de rir por absurdo; de contrariar a vida por excesso de tédio, eu tambem aprendi com os outros. Tudo é postico, embora já enstranhado na alma, já fator forte do determinismo interno.

Estas paixões efemeras por umas sobranceiras, por um jeito de andar, por um modo de fazer silencio, foi um poeta qualquer que me ensinou.

São requintes importados de outros nervos, de outros olhos, de outra carne.

Quero rebuscar a emoção aborigene. Não a que saia do *melting pot* de todas as influencias. Aquela que agitou a simplicidade da infancia quando a vida ainda não me havia cretinizado.

A que vem da vida, direta, para o choque dos meus nervos.

Penso cousas absurdas. Queria ter crescido sem aprender a falar. Não me ensinassen nada! Seria barbaço, estúpido. Mas teria o lirismo simples e cru, o amor inconsciente, a compreensão mais certa e mais suazáta da vida. Não me atormentaria com sombras. Permaneceria no seio da realidade, feito um pedaço vivo da realidade. O que houvesse de inteligencia em meu cerebro trabalharia por si mesmo e por si mesmo descobriaria o mundo.

Eu seria eu.

Agora eu não posso me encontrar. Não tenho a covardia mansa dos que se deixam viver. Nestas linhas que escrevo vou procurando, lerozmente, e vou achando, com tristeza, o plagio inconsciente e estúpido de outras ideias, a vibração de outros nervos.

E' o mal de escrever.

ECHOS DO CARNAVAL



Bloco «Estamos ahí...»

IDEAL PHILOSOPHICA

AO TALENTO DE ESDRAS FARIA

*EU NÃO ESCREVO APENAS PELO GOSO
DE VER MEU NOME SOB ALGUM SONETO,
OU OUTRA QUALQUER COUSA, NO OBSOLETO
ANCEIO VÃO DO ESPIRITO VAIDOSO;*

*MAS, SOMENTE POR VER BRILHAR, RADIOSO,
EM DIVINAS PARTICULAS, CONCRETO,
O FULGOR MAIS ABSTRACTO DO INTELLECTO,
O PENSAMENTO IGNOTO E LUMINOSO;*

*POR ESTAMPAR DA MASSA BRANCA E FINA
QUE É DO CEREBRO HUMANO A LUZ REVEL,
EM LETRA DE OIRO, A FORMA PEREGRINA...*

*FAZER PULGIR, EMFIM SUBTIL E ETHEREA,
A IMMATERIALIDADE DA MATERIA
NZ MATERIALIDADE DO PAPEL!..*

Alvimar Silva

Fac-símile de "O mal de escrever" (1932, n. 312).

A BELLEZA DE NOSSA TERRA



PORTO DE VICTORIA

© *livro de*

Eu já não sinto nem ninguém da minha geração pôde sentir o Brasil como o sente Almeida Cousin.

«Itamonte», portanto, não foi um livro que me ficasse pegado no cérebro, porque não bateu em tábua que pudesse me emocionar com certa particularidade. O meu Brasil já é outro, sem deixar de ser o mesmo. Os que agora subimos so-

fremos de outra maneira o drama brasileiro;

não sei explicar os pontos em que essa divergência é mais forte, mas sinto que existe uma pequena distancia entre o espirito do meu minuto e o espirito de Itamonte.

O presente modifica o passado que é, paradoxalmente, uma criação do presente. Entretanto em «Itamonte» ha um Brasil que também é meu, um Brasil essencial, um Brasil que continua, que persiste, que viveu no cerebro de Anchieta, de Feijó, de Paes

■ ■ RUBEM BRAGA

Almeida Cousin

Leme, de Rondon, de Basilio da Gama e de Manoel Bandeira. E essa Patria ali está cantando na poesia de Almeida Cousin o seu canto primitivo e eterno. «Itamonte» é um livro grande, bonito e bom. Tem a serenidade dos grandes tumultos. (Esta frase pôde parecer irritante e artificial, mas, de qualquer geito, é sincera e saiu feita do cerebro.)

ATIVAR O
Acesso Cor

Fac-símile de "O livro de Almeida Cousin" (1932, n. 319).

Reflexões sobre o anjo torto

Um homem magrinho de roupas escuras e pequenos olhos verdes ou azues atrás dos óculos intelectuais.

Não sou amigo de Carlos Drummond de Andrade, nunca tomei um «chopp» com ele nem lhe pedi dez mil réis emprestados ou sua opinião a respeito de André Vide.

Sei que ele nasceu em Itaboraí do Matto Dentro, sei mais o seu emprego (secretário particular do dr. Capanema) e seu estado civil (casado e pae). Apenas quatro ou cinco vezes apertei a sua mão, e sempre no gabinete do secretário do Interior—largo—moderno—onde elle desliza como quem roga mil desculpas ao leão do tapete por se ver na contingencia de pisar em sua cauda amarella.

Tem um desagradavel modo de falar (baixo e depressa) e é um homem antipathico.

Nasceu ouvindo ordens—elle mesmo confessa—de um anjo torto, desses que vivem na sombra.

Foi esse anjo torto que escreveu «Alguma Poesia» e os outros poemas que vieram depois.

Esse anjo torto, esse anjo torto de óculos, escreve cousas infantis

e amargas.

Foi a vida que o entortou e lhe poz óculos, mas elle permanece anjo, não anjo do Bem, não anjo do Mal, e sim anjo—não previsto pela Biblia, filho do asphalto, nascido entre rancos de motres e fumaças de gasolina.

Poderia citar delle poemas muito bellos, como «A sombra das moças em flôr», que é bellissimo, mas prefiro transcrever estes versos sem importancia, mas tão significativos do geito d'elle escrever:

«MUSICA

*Uma coisa triste no fundo da sala.
Me disseram que era Chopin.*

*A mulher de braços redondos que
[nem coxas
martellava na dentadura dura
sob o lustre complacente.*

*Eu considerei as contas que era
[preciso pagar,
os passos que era preciso dar,
as dificuldades...*

*Enquadrei o Chopin na minha
[tristeza
e na dentadura amarella e preta
meus cuidados voaram que nem
borboletas.»*

Nestes poucos versos ha Chopin, braços e coxas, dentaduras de piano, contas a pagar e borboletas. Estas borboletas que vôam no ultimo verso receceu as cores da dentadura do penultimo. São amarellas e pretas, lunareas, pequenas, inquietas e inquietantes.

Assim é a tristeza do anjo torto, e a vida é um cavalheiro em cartola ellas—as borboletas—saem aos milhares enquanto o pobre anjo arregala os olhos candidos

Tenho a impressão de que o poema transcripto não agradará á maioria das pessoas. São versos feios, tristes, mediocres, sem rythme, sem vibração quasi sem poesia.

A mim tambem não agradam certos poemas de Carlos Drummond de Andrade. Elle tem um ar antipathico.

Sua poesia é bebida que se acostuma para sempre a beber. A's vezes é ambrosia, ás vezes absyntho, ás vezes cachaça.

Pode ser tambem agua limpida dessas que escorrem cantando do cimo das montanhas eternas.



Fac-símile de "Reflexões sobre o anjo torto" (1933, n. 333).



Fac-símile de "Rua" (1933, n. 343).